



## A proclamação e Murilo Mendes

Affonso Romano de Sant'Anna

Murilo Mendes foi o poeta modernista que mais tematizou a Proclamação da República.

Compôs cinco poemas sobre aquele acontecimento. O mais conhecido é "Quinze de Novembro", onde descreve "Deodoro todo nos trinques" despachando o imperador, que estava mais interessado em ler Victor Hugo do que propriamente em governar. Este poema aparece no seu primeiro livro – *Poemas* (1925-1929), editado pela gráfica Dias Cardoso (1930), que cheguei a conhecer em Juiz de Fora.

Este é um livro precioso e ainda pouco analisado. E se alguém o correlacionasse com os dos outros poetas da primeira fase do Modernismo, talvez pudesse fazer relevantes comparações e descobertas. Nesse tempo existia uma linguagem comum na poesia brasileira, uma "língua mais falada na costa", pelos poetas. Caracterizava-se pela paródia e pela utilização do poema curto – "feito para dar risada", como diria Mário de Andrade.

Dois anos mais tarde – 1932, Murilo Mendes sistematizaria mais ainda a prática do "poema-piada" no livro *História do Brasil*, onde reconta nossa história debochadamente. Nisto ele também expressa uma atitude modernista: reler/reescrever a história nacional. Seria, aliás, interessante retomar esse livro não apenas em óbvia comparação com Oswald, Mário, Drummond, Cassiano e outros poetas modernistas, mas em relação a um livro publicado onze anos antes, em 1921, intitulado *História do Brasil pelo método confuso*, de autoria do humorista Mendes Fradique, que até hoje, injustamente, não tem sido correlacionado com o Modernismo.

Murilo, infelizmente, não permitiu a republicação de sua *História do Brasil*, nem mesmo em suas poesias completas pela José Olympio, em 1959, pois alegava: "destoam do conjunto da minha obra". Consegui, graças a uma deferência especial de Maria da Saudade Cortesão, publicar muitos desses textos em *O menino experimental* (Summus, 1979). A divulgação dos textos relacionados à Proclamação da República (e, talvez a palavra "textos" aqui atenda mais ao poeta do que a palavra "poemas"), nos ajuda a reler ao mesmo tempo o poeta e a história.

Não há muito que comentar. Pedro II e Deodoro são duas figuras que interessaram a Murilo. Curioso que dois dos poemas dessa "história" modernista têm como título "Soneto do dia 15" e "Elegia do dia 16". Duas formas clássicas através das quais a voz parodística do poeta fala como se fosse o imperador.

De resto, aí estão várias técnicas de carnavalização da história, técnicas em que Murilo e os modernistas foram mestres invejáveis.

Leiamos os textos:

### QUINZE DE NOVEMBRO

Deodoro todo nos trinques  
bate na porta de Dão Pedro Segundo.  
– Seu imperadô, dê o fora  
que nós queremos tomar conta desta bugiganga.  
Mande vir os músicos.

O imperador bocejando responde  
– Pois não meus filhos não se vexem  
me deixem calçar as chinelas  
podem entrar à vontade:  
só peço que não me bulam nas obras  
completas de Victor Hugo.

**AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA** é professor de Teoria Literária da PUC-Rio e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É poeta autor de *A poesia possível* (Editora Rocco) e ensaísta autor de *O canibalismo amoroso* (Editora Brasiliense) e *Carlos Drummond – análise da obra* (Editora Nova Fronteira).



Murilo Mendes em Roma (1961)

## PROCLAMAÇÃO DE DEODORO

Ó que belo movimento!  
Ouro Preto não estrilou.  
Foi tudo feito com rosas  
E salva de 21 tiros.

Apenas quase matamos  
O pobre Barão do Ladário.

## SONETO DO DIA 15

Seu Deodoro, tem gente,  
Mas já sai agora mesmo.  
Pensa que não tenho sangue?  
Eu tenho sangue, mas frio.

Cedo o império brasileiro  
Ao dito das circunstâncias.  
Só levo daqui saudades.  
Justiça aguardo de Deus.

Pensão não quero, obrigado,  
Traiem bem de meus moleques.  
Estou fazendo um soneto:

O papel está acabando,  
Chego já no último verso,  
Já lhe cedo o meu lugar.

## ELEGIA DO DIA 16

Ó amigos do coração,  
Muito obrigado a vocês,  
Me tiraram duma encrenca.  
Isto aqui não dá mais nada.  
Quem não foi imperador  
Não avalia o que é pau.  
A herança que lhes deixei  
Muito mal poderá dar  
Para o buraco dum dente.  
Não fica um rato nos cofres.  
Isabel minha filha leu  
"A Choça do Pai Tomás",  
Teve uma pena do escravo;

Nabuco queria mostrar  
Que tinha estatura mesmo,  
Patrocínio precisava  
Provar que tinha garganta;  
Fui dar um giro na Europa;  
Caiu a sopa no mel,  
Num átimo abrem as senzalas,  
Foi tudo por água abaixo.  
Ninguém sustenta a fazenda:  
Quem há de plantar café,  
Quem há de colher café,  
Quem catará catunê  
Pro fazendeiro indolente?

Mas fizeram muito bem!...  
O navio está apitando,  
Enfeitado com a bandeira  
Formosa que o vento beija.  
Vou passear em Paris,  
Todo ancho na sobrecasaca,  
Vou visitar a Sorbonne;  
Ó meus filhos brasileiros,  
Saúde e fraternidade,  
Não quero saber de encrencas,  
Comigo não violão.

## GLÓRIA DE D. PEDRO II

Um anjo de sobrecasaca, de chinelas,  
Passou matutando no ar:  
A terra não é mais uma colônia,  
Os estadistas caem que nem cocos,  
As máquinas serão soltas em 1988,  
O homem ficará lendo seus livrinhos  
No jardim onde os tanques  
Já terão passado.

Os soldados serão presos pra sempre  
Num cavalo de aço, não é de pau.  
Aos domingos terá retreta para eles,  
Começando pela profonia do "Guarany".  
Os ditadores de pijama  
Virão comer pé-de-moleque  
Com o povo.